

PROSTITUIÇÃO NA RUA DO BOM E DO BARATO EM FEIRA DE SANTANA – BA. (1930-1960)

Azivonete Francisca Cardoso dos Santosⁱ

Resumo:

O principal foco desse texto é analisar, noções de moralidades e as relações que existiam e que foram constituídas pelos grupos sociais em relação às profissionais do sexo que habitavam a Rua do Bom e do Barato na cidade de Feira de Santana entre as décadas de 1930 e 1960. Direcionando o olhar para a Rua do Bom e do Barato, e para as moradoras que foram consideradas como um empecilho para a modernização da cidade, assim como um entrave para o desenvolvimento do comércio. Através do estudo e da análise do Código de Postura de 1937, dos processos-crimes, e principalmente dos exemplares do jornal Folha do Norte, percebe-se que as prostitutas que residiam na Rua do Bom e do Barato afrontavam os códigos de moral e os bons costumes da sociedade feirense.

Palavras Chaves: Feira de Santana. Prostituição. Modernização da cidade e Honra.

Esse texto visa abordar a questão da prostituição em Feira de Santana. Situada no interior da Bahia, conhecida como Princesa do Sertãoⁱⁱ ou denominada como ‘Petrópolis baiana’ⁱⁱⁱ a história desta cidade é contada/perpetuada pelos poetas, manchetes, colunas de jornais, leis e memórias. O desenvolvimento de uma civilização em Feira de Santana-Ba estava ligado ao mito de fundação^{iv} construído pela elite. Segundo Andrade essa elite tentava apagar as marcas de uma participação dos demais grupos sociais no desenvolvimento da urbe. Percebe-se que ao longo da história de Feira de Santana existe a tentativa de afirmar o mito de que a cidade desenvolveu-se tranquilamente sem que houvesse a ocorrência de qualquer conflito ou tensão. A partir da década de 1940

percebe-se que a ideia de modernização começou a disseminar, através dos alargamentos das ruas, a consolidação de um Código de Postura e um desenvolvimento econômico, com isso vem os conflitos, seja ela na relação social ou familiar.

Para que essa ideia de modernização fosse propagada era necessário inserir a ideia civilizatória, que combatia os “maus costumes” que por diversas vezes foram narrados pelo Jornal Folha do Norte e a sociedade feirense, contrapondo a “cidade adiantada” ou “cidade culta” aos “cabarés infecta e infeccionante” os quais demonstrava um grande clima de tensão e conflitos durante o desenvolvimento da cidade^v. Esse projeto de transformação da sociedade feirense é bem exemplificado por Charlene Brito:

[...] o tipo de modernização implementado em Feira de Santana, é possivelmente em todo o País no mesmo contexto ‘não pretendia [...] modificar [...] as antigas estruturas de poder econômico e político, arraigadas no campo e nas pequenas cidades do país’, não visava a melhoria dos amplos setores da população, mas a acumulação de capital. Embora sua esfera central seja a indústria, do ponto de vista da política ela teve um caráter conservador e atingiu e transformou em diversos aspectos as formas tradicionais das relações sociais.^{vi}

Percebe-se que a cidade mantinham, mesmo, diante do seu desenvolvimento, valores vindos de uma cidade rural juntamente com a concepção de honra e moralidade. Segundo Santos^{vii}, as discussões acerca da definição de honra baseava-se na correção do Código Penal, este deveria inserir uma forma de punição que fosse de contra as virtudes morais e sociais perante o progresso que a cidade estava passando. Mas mesmo com o progresso a cidade de Feira de Santana era “marcadamente ruralizada e interiorana, concentrando uma população consideravelmente rural.”^{viii}, a ruralização da urbe ampliava as possibilidades para que a moral fosse impregnada por uma perspectiva machista.

Segundo Eurico Alves Boaventura, Feira de Santana era tranquila até final dos anos 1940, o que mudou drasticamente a partir dos anos 50 e 60. O autor expressava essas mudanças através de suas crônicas no Jornal **Folha do Norte** assinando-os com o pseudônimo de Zé Fernandes, vemos isso através desse trecho:

Mudaram-se os tempos. [...] Dinamismo, vida nova, movimento. Nunca se poderá mais dizer-la “Cidade do Silêncio e a

Melancolia” Foi-se esse tempo ... carros, autocaminhões, ônibus sacolejando a paisagem, grita e buzinas vigorosas, alto-falantes desmentem esta legenda. Que diferente.^{ix}

Nesse trecho da crônica de Eurico Boaventura percebe-se que a sociedade feirense passa por transformações drásticas e que o movimento do progresso e da modernização deixa um saudosismo da cidade ruralizada, do período em que ela foi fundada até o final dos anos 30 e a transição que ocorreu efetivamente ao longo dos anos 40 a 60.

Para Oliveira^x nos anos 60 as autoridades fazem imposições severamente às prostitutas da Rua do Bom e do Barato através do Código de Postura de 1937, posteriormente é complementado com o Plano Integrado. Através desses mecanismos é que foram compostos outros cenários de tensões entre o antigo e o moderno no processo de modernização de Feira de Santana.

As prostitutas é o principal objetivo de estudo deste trabalho, enfatizando aquelas que habitavam a Rua do Bom e do Barato que estavam inseridas na cidade de Feira de Santana. Para entender melhor a prostituição em Feira de Santana, é necessário reportar ao desenvolvimento da prostituição ao longo da história.

Segundo Roberts^{xi} sempre houve prostitutas pobres e prostitutas da elite, ao longo do processo historiográfico percebe-se que a visão que a sociedade tem delas, se comparadas à visão da sociedade da antiguidade, é bastante diferente. Elas já foram admiradas pela sua inteligência e cultura, além de serem tratadas como deusas, eram extremamente respeitadas e que devotavam um grande apreço pela ala masculina, esses por diversas vezes, usavam do ato sexual com elas para serem abençoados e terem proteção.

Percebe-se que há diferentes interpretações sobre as prostitutas, as quais são vistas como pessoas à margem da sociedade, pois são consideradas como forma de “diversão” para uma sociedade extremamente machista. No caso de Feira de Santana são usadas como guardiãs da honra das moças da sociedade feirense, já que os rapazes iam aplacar seus ímpetos sexuais com as meretrizes a fim de resguardar suas namoradas, noivas e até mesmo esposas. Outra interpretação sobre as prostitutas é que eram mulheres de vida fácil, que não teriam honra por não ter vínculo familiares além de adquirir dinheiro de forma desonesta. Mas observamos através da pesquisa que essas mulheres não tinham essa vida fácil e que apesar de não estarem no seio familiar ainda

cultuavam alguns valores familiares, já que muitas tinham filhos oriundos de suas atividades laborais.

Para Margarete Rago^{xii}, pode-se diferenciar a imagem que foi constituída da prostituta na antiguidade para a modernidade. Para ela o sexo deixou de ser patológico, deixando de lado o que se pode ou não se poder ser feito pelas mulheres com seus respectivos esposos, porém ainda existem preconceitos para com as prostitutas, já que a sociedade é muito conservadora. Em *Prazeres da Noite*, Rago mostra que o discurso sobre a prostituição ficou forte a partir da década de 40 e tornou-se debate médico e jurista, segundo a autora eles usavam a conduta das mulheres para diferenciar a honrada da prostituta, já que naquele período mulher direita não fumava, não saia de casa sozinha, não dava-se a falar palavrões e tão pouco a demonstra prazer no ato sexual.

[...] o que acontece é que a medicina do século XVIII usa os argumentos misóginos de Santo Agostinho e de São Paulo, e fundamenta cientificamente o preconceito contra a Prostituta [...] a prostituta é um esgoto seminal, uma mulher que não evoluiu suficientemente. São pessoas que tem o cérebro um pouco diferente, o quadril mais largo, os dedos mais curtos.^{xiii}

Segundo essa afirmação da autora vemos que a prostituição era um instrumento para criar uma imagem negativa das profissionais. Mas segundo Santo Agostinho essas mulheres eram um mal necessário, para que a sociedade não passasse por atos de defloramento a moças de famílias e honradas. “A prostituição nas cidades é como a fossa no palácio: tire a fossa e o palácio se torna um lugar sujo e mal cheiroso”^{xiv}.

Analisando por essa vertente a zona de prostituição em Feira de Santana é um território lugar culturalmente constituído, passando a ser um referencial de imoralidade, identidade, além de ser um lugar de memória para o desenvolvimento da cidade, já que essa zona de prostituição na cidade movimentava a cidade. Numa cidade ruralizada essa zona era a maior fonte de divertimento para elite masculina, que atingia até os vilarejos vizinhos e os “forasteiros” que passavam. Assim ela era tolerada como forma de divertimento, mas era altamente controlada pelos meios de repressão, afim que não atrapalhasse o desenvolvimento da cidade juntamente com a moral e honra das famílias que habitavam o centro da cidade.

O complexo^{xv} da zona de prostituição em Feira de Santana era composto por vielas, becos e ruas estreitas, tais como: Rua de Cima, Rua do Meio e a Rua do Bom e do Barato. Com a modernização da cidade era necessário higienizar todo o centro da

urbe, esse processo ocorreu através das tentativas de coibir as ações das camadas mais populares assim como o funcionamento dos bordéis que existiam na rua. Para uma maior eficiência da higienização foi colocado em pratica em 29 de dezembro de 1937 o novo Código de Posturas do Município de Feira de Santana, “composto por 10 títulos”, que coíbiam as manifestações das camadas populares, regras de divertimento, hábitos e condutas urbanas dos moradores e das pessoas que transitavam nas ruas largas e estreitas. “A ação do poder local e a defesa da imprensa, em, em diferentes períodos, baseavam-se na condição destas “ruazinhas” abrigarem “gente do povo”, provocando dessa forma, a aglomeração de desordeiros e “mulheres de vida fácil”.”^{xvi}

É nesse contexto que Eurico Alves Boaventura, poeta e jurista baiano retrata a vida na cidade do interior da Bahia, em alguns de seus poemas ele fala das moças de família e de sua honra e em outros fala da “mulher pública”^{xvii}. No poema da Rua do Bom e Barato, ele retrata como era essa zona de prostituição em Feira de Santana, percebe-se nesses dois poemas que Eurico Alves confronta o sagrado com o profano. O poema mostra o movimento da rua e suas vertentes.

Essa rua é um compêndio da historia juvenil...

Casas magras, parecem sofrer de apoplexia,
furadinhas de segredo...
Cada rapaz que passa diz compenetrado ao companheiro apontando
uma: foi aqui... E sorri

Rua molhada inteiramente de foi – aquis...

Crianças pretinhas lambuzam a cara
com resto de mingau de cachorro.
Outras choramingam esfregado os olhinhos,
dentro das bacias forradas de aninhagem.

Os médicos deviam querer bem a essa rua camarada ...

De noite, enquanto os velhos lêem os jornais chegados pela marinete,
passam meninotes de quinze a dezesseis anos
escondendo-se na sombra...
Depois, começarão reumáticos, emagrecendo
inevitavelmente
e, escabriados,
chegarão aos velhos gaguejando: Pa ...pai...

E o velho atalhará psicológico: meu filho ... vá a dr. Fulano.

E sorrirá satisfeito, às escondidas, porque o menino não negou
fogo.^{xviii}

O poeta representa bem a Rua do Bom e Barato, as mulheres que a habitavam tinham varias denominações tai como: mundanas, mulheres de vida fácil, serigaitas, raparigas, decaídas, meretrizes, de vida livre, de má vida ou má fama, rameiras, cocotes entre outras denominações que maculava a imagem da mulher que viviam do seu corpo. Segundo os jornais do período essas vielas mal afamadas que distorcia a ideia de pureza que por um longo tempo foi projetado pelo codinome de “Princesa do Sertão” contrapondo com a “Cidade-peccado”^{xiix} denominada no conto de Villobaldo Silva. O que é bem exposto por Ferreira:

[...] Um andarilho noturno que se decidisse a passear pelas ruas poderiam encontrar uma cidade tranquila, de avenidas largas, arejadas que o orgulho por atenderem aos preconceitos de modernidade e progresso que se queria a todo custo imprimir. Esta é a cidade religiosa, recatada, “pequeno-burguesa, feliz, satisfeita, que dorme” [...] Não muito longe, ao dobrar de uma esquina, ruas estreitas e antigas, com suas casinhas pequenas, fazem recuar esta visão. Ali um mundo diferente se configura. [...] na madrugada de sábado ferve e referve, mesmo sob as ameaças da lei. “mulherio vai e vem, indo, vinco, a gargalhar, a gritar, numa algazarra que se perde em ditos, dichotes, deboches.” [...] No silêncio da noite burguesa, uma noite irrompe, com suas cuícas, pandeiros, tamborins.^{xx}

Ferreira nos mostra que a cidade que durante o dia é sagrada, a noite torna-se movimentada e pecaminosa. O que durante a década de 40 e 50 gerou varias reclamações por parte das famílias de bem que residiam na cidade, enumeras vezes em diversos jornais saiam notas de reclamações. A Rua do Bom e do Barato foram citadas varias vezes no **Jornal Folha do Norte**, pois as mulheres a que la residiam proferiam palavras obscenas, cometiam desacato a autoridades além de ofender a moral e honra de quem passa na imediações.

As regras que foram impostas serviam apenas para amenizar os ânimos da elite, pois era considerada um “mal necessário” na sociedade. Percebe-se que essas regras levavam a prostituição num caminho de legalização, já que seguia regras e movia grande parte da sociedade feirense.

Assim, verifica-se que a Rua do Bom e do Barato fazia parte de uma grande zona de prostituição na cidade, em que servia de divertimento e segurança para elite masculina da sociedade feirense, pois se acabasse essa pratica estaria aceitando ou incentivando os defloramentos das moças de honra e de boa família. Nesse sentido

verifica-se que a modernização atrelada ao capitalismo que estava se desenvolvendo na cidade durante o período estudado, juntamente com a prostituição é uma via complexa e de marginalização e representação da figura feminina numa sociedade elitizada e machista.

NOTAS

ⁱ Graduanda em Licenciatura Plena em História, pela Universidade do Estado da Bahia, IX Semestre, tiffany.chocolate1@hotmail.com, azivonete@hotmail.com.

ⁱⁱ Na visita a Feira de Santana em 1919, Ruy Barbosa criou esse epíteto, para referenciar o mérito da cidade como a mais importante do interior do Estado, caracterizada como uma segunda capital da Bahia, por causa do desenvolvimento comercial, principalmente no comércio do gado.

ⁱⁱⁱ Termo usado pela imprensa do início do século XX, o qual se referia a Feira de Santana.

^{iv} Segundo Cristiane Lima Santos, essa é uma leitura de que Feira de Santana nasceu de uma pequena capela construída pelo casal português Ana Brandoa e Domingos.

^v Jornal Folha do Norte, 27 de Janeiro de 1940, p.1.

^{vi} BRITO, Charlene José de Brito. *Presbiterianos Ecumênicos: contribuições ao processo de Modernização de Feira de Santana*. Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06/2011, Juiz de Fora- Minas Gerais.

^{vii} SANTOS, Cristiane Lima. *Mulheres Honestas, Homens Honrados: a honra sexual entre o Tradicional e o moderno – Feira de Santana (1940-1960)*. Texto integrante dos anais do XIX Encontro e História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. 08 a 12 de setembro de 2008. Disponível em:

<www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF?autores%Artigos/Cristiane%20Lima%20Sanos.PDF>. Acesso em: 26 dez. 2010, 15:30.

^{viii} Id. Ibid. p 04

^{ix} FERNANDES, Zé. “Cartas da Serra I”. In: *Folha do Norte*. 21 de maio de 1960. p 3

^x OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Cenário de uma cidade em tempos de modernização. Disponível em:

<www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/ana_maria_carvalho_dos_santos_oliveira.pdf>. Acesso em: 30 Nov. 2011, 19:45.

^{xi} ROBERTS, Nick. *As prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

^{xii} RAGO, Margarete. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

^{xiii} Id. Ibid. p. 56.

^{xiv} Santo Agostinho importante bispo cristão e teólogo que viveu entre 354 a 430.

^{xv} LIMA, Carlos Alberto. *Das luzes aos becos: retrato da Rua do Meio na Feira Moderna (1950 – 1967)*. Feira de Santana: UEFS, 2009, Monografia de Graduação)

^{xvi} RAMOS, Cristiana Barbosa de Oliveira. *Timoneiras do bem na construção da Princesa: Mulheres de Elite, Cidade e Cultura (1900-1945)*. Santo Antonio de Jesus – Ba, 2007. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). p 32.

^{xvii} Termo usado por Michelle de Priore no Livro *Mulheres Públicas*, para diferenciar as mulheres de honra e as desonradas, contrapondo com a luta das mulheres para ter mais espaço na sociedade.

^{xviii} OLIVEIRI-GODET, Rita (Org.). *A poesia de Eurico Alves Boaventura - imagens cidade do sertão*. Salvador-Ba: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA, 1999.

^{xix} Folha do Norte de 10 a 17 de Dezembro de 1938, p. 4.

× FERREIRA, Elisangela Oliveira. *A Cidade-pecado: prostituição e sexualidade feminina em Feira de Santana (1900-1950)*. (Projeto) Especialização em História da Bahia. Feira de Santana. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.